



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

VANDERLEY KRTITMÕWÊ CALIXTO XERENTE

SABERES INDÍGENAS NAS ESCOLAS AKWÊ-XERENTE

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2024

Vanderley Krtitmõwẽ Calixto Xerente

Saberes indígenas nas escolas Akwẽ-Xerente

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Orientador(a): Prof. Dra. Luciane Silva de Souza

Miracema do Tocantins, TO

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

Xf6 Xerente, Vanderley Kritimôwê Calisto.
Saberes indígenas nas escolas Akwê-Xerente. / Vanderley Kritimôwê
Calisto Xerente. – Miracema, TO, 2024.
32 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2024.
Orientadora : Luciane Silva de Souza

1. Saberes indígenas. 2. Akwê-Xerente. 3. Anciãos. 4. Educação escolar
indígena. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

VANDERLEY KRTITMÕWË CALIXTO XERENTE

SABERES INDÍGENAS NAS ESCOLAS AKWË-XERENTE

Artigo apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema do Tocantins, Curso de Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 16/12/2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dra Luciane Silva de Souza – Orientadora - UFT

Prof. Dr. Odilon Rodrigues de Moraes Neto - examinador - UFT

Prof. Me. Sinval Waikazate de Brito- examinador - SEDUC/TO

Prof. Me. Valteir Tpêkru Xerente – examinador - SEDUC/TO

RESUMO

O presente estudo investiga os saberes indígenas e traz neste diálogo uma história oral, que é transmitida pelos anciãos, como conhecimento tradicional do povo Akwê-Xerente. O objetivo é analisar como o registro das narrativas Akwê-Xerente contribui para o processo de ensino-aprendizagem e para a preservação cultural no contexto escolar indígena. Para isso, trazemos para a reflexão, algumas pesquisas produzidas por autores indígenas e não-indígenas. A pesquisa se fundamenta a partir da questão problema: O que as narrativas Akwê-Xerente trazem sobre a história, a organização social e/ou outros aspectos da cultura? E, subsidiariamente: Qual a importância das histórias orais na cultura Akwê-Xerente? Esse material das narrativas, ao ser documentado em Língua Akwê e Língua Portuguesa (bilíngue), pode ser utilizado para o ensino nas escolas indígenas Xerente? A pesquisa destaca a urgência em documentar esses saberes, considerando que muitos anciãos, os principais guardiões das tradições orais, estão partindo. Os resultados reforçam a importância de fortalecer a cultura Akwê, promovendo o acesso das futuras gerações a esses conhecimentos, além de incentivar novas práticas educativas que valorizem a oralidade e a identidade cultural do Akwê.

Palavras chaves: Saberes Indígenas. Akwê-Xerente. Histórias. Anciãos.

ABSTRACT

This study investigates indigenous knowledge and presents an oral history transmitted by elders as traditional knowledge of the Akwẽ-Xerente people. The objective is to analyze how the recording of Akwẽ-Xerente narratives contributes to the teaching-learning process and cultural preservation in the indigenous school context. To this end, we bring to the table some research produced by indigenous and non-indigenous authors. The research is based on the following question: What do Akwẽ-Xerente narratives reveal about history, social organization and/or other aspects of culture? And, secondarily: What is the importance of oral histories in the Akwẽ-Xerente culture? Can this narrative material, when documented in the Akwẽ language and Portuguese (bilingual), be used for teaching in Xerente indigenous schools? The research highlights the urgency of documenting this knowledge, considering that many elders, the main guardians of oral traditions, are leaving. The results reinforce the importance of strengthening the Akwẽ culture, promoting access to this knowledge for future generations, in addition to encouraging new educational practices that value orality and the cultural identity of the Akwẽ.

Keywords: Indigenous Knowledge. Akwẽ-Xerente. Stories. Elders.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	EDUCAÇÃO INDÍGENA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.....	8
2.1	Os Akwê-Xerente.....	8
2.2	Educação Indígena: os saberes indígenas e os ensinamentos do povo Akwê-Xerente.....	10
3	NARRATIVA ORAL: HISTÓRIA “PONKWANÊ AKWÊRÊ NŌRĪ” E OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS.....	16
3.2	Diálogos sobre as narrativas e a história “Ponkwanê Akwê rê Nŏrĭ”.....	17
3.3	Narrativas tradicionais na escola indígena.....	20
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
	REFERÊNCIAS.....	25
	ANEXOS.....	27

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema Saberes Indígenas nas Escolas Akwê-Xerente surgiu a partir de dois aspectos principais: as aulas da disciplina de Antropologia da Educação, ministrada pelo Dr. Odilon Rodrigues de Moraes Neto, e minha vivência como aluno da Educação Básica em escolas indígenas Akwê-Xerente.

Durante minha trajetória escolar, observei que o ensino seguia predominantemente o ensino hegemônico, com metodologias voltadas mais para a reprodução de conteúdo ocidentais (não indígenas) do que para a valorização do contexto cultural indígena. Na disciplina de Antropologia da Educação, o contato com reflexões de autores indígenas contemporâneos, como Ailton Krenak e Gersem Baniwa, ampliou minha compreensão e despertou meu interesse em aprofundar a temática dos Saberes Indígenas, iniciando assim discussões sobre essa relevante questão.

O povo Akwê-Xerente possui uma cultura rica e única, que tem sido preservada há séculos por meio da oralidade. No entanto, apesar de sua singularidade e das pesquisas existentes sobre os Xerente, ainda não há registros adequados em livros didáticos e paradidáticos que possam ser utilizados pelos professores e alunos nas escolas indígenas Xerente.

Esse vazio foi um dos principais fatores que me motivaram a realizar este estudo, com o objetivo de fortalecer e valorizar a cultura Akwê-Xerente por meio das Escolas Indígenas. A reflexão também se volta para a necessidade de produção de livros didáticos e paradidáticos bilíngues, que possam ser usados tanto pelos professores indígenas quanto pelos alunos e pela comunidade dentro das escolas do Território. Tais recursos podem se tornar ferramentas fundamentais para a conservação dessa cultura milenar e dos saberes orais Akwê-Xerente, permitindo que sejam transmitidos de maneira mais acessível e duradoura, pois atualmente, as crianças e os jovens passam boa parte de seu tempo nas escolas. Assim, esta pode se tornar um importante instrumento de transmissão dos conhecimentos/saberes indígenas.

Entretanto, isso não significa que o conhecimento ocidental seja menos importante ou deva ser descartado. Pelo contrário, ele deve ser integrado ao processo educacional para preparar os alunos indígenas para o ingresso nas universidades e para ocuparem espaços na sociedade, pois em um mundo marcado por grandes influências externas, as escolas precisam adotar essa perspectiva, valorizando tanto os princípios do conhecimento ocidental e hegemônico, sem perder de vista os elementos da tradição e da cultura indígena.

É essencial desenvolver estratégias que possibilitem a criação de materiais didáticos e paradidáticos adaptados à realidade das escolas indígenas, garantindo que as futuras gerações conheçam suas origens, suas histórias e seus saberes tradicionais. Esses materiais são fundamentais para a preservação e transmissão dos conhecimentos e da cultura, funcionando como instrumentos fundamentais para registrar e perpetuar a rica tradição Akwẽ-Xerente.

Ao observar, o ensino nas escolas indígenas, ao longo da educação básica, percebi que antes e, ainda hoje, há uma dificuldade com metodologias e estratégias que consigam favorecer a educação bilíngue, intercultural, diversa e específica. Os saberes tradicionais Akwẽ como fundamento básico para produção de materiais para as escolas Xerente surgem neste contexto como elementos essenciais para o ensino e a preservação da cultura e da língua. A partir disso, podemos questionar: *O que as narrativas Akwẽ-Xerente trazem sobre a história, a organização social e/ou outros aspectos da cultura? E, subsidiariamente: Qual a importância das histórias orais na cultura Akwẽ-Xerente? Esse material das narrativas, ao ser documentado em Língua Akwẽ e Língua Portuguesa (bilíngue), pode ser utilizado para o ensino nas escolas indígenas Xerente?*

Para tentar responder aos questionamentos das perguntas-problemas, foi proposto o seguinte objetivo geral: Analisar como o registro das narrativas Akwẽ-Xerente contribui para o processo de ensino-aprendizagem e para a preservação cultural no contexto escolar indígena. E, como objetivos específicos:

- a) Transcrever a história ***Ponkwanẽ Akwẽ rê Nõrĩ*** contada pelos anciãos akwẽ-Xerente, na língua materna;
- b) Discutir sobre a importância da documentação das narrativas contadas pelos anciãos;
- c) Observar se a narrativa transcrita é possível de auxiliar no conhecimento dos saberes indígenas;
- d) Tecer um diálogo sobre a possibilidade de a narrativa ser levada para a escola.

2 EDUCAÇÃO INDÍGENA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

2.1 Os Akwê-Xerente

Antes da chegada dos portugueses, milhares de povos indígenas já viviam no território brasileiro. De acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, foram registrados 274 idiomas e 305 etnias diferentes. Todos esses povos possuem seus próprios saberes, costumes, culturas, rituais outros sofreram perseguições e massacres ao longo das décadas, levando à extinção de suas línguas e culturas.

Com os Akwê-Xerente, não foi diferente, apesar das tentativas de levá-los à extinção, os Akwê foram guerreiros e valentes, lutaram e resistiram para não serem oprimidos pelos não indígenas. Reergueram-se e, hoje, constituem a maior população indígena do estado do Tocantins.

No Censo realizado em 1999, a população Akwê-Xerente era de 1.850 indivíduos, conforme Ivo Schroeder (2010). De acordo com o Censo de 2022, a população do povo Akwê-Xerente cresceu para 4.086 (quatro mil e oitenta e seis) pessoas no último Censo, sendo a maior população indígena do Estado do Tocantins. Os Akwê-Xerente são falantes da língua Akwê, pertencente à família linguística Jê, junto com os Xavantes e Xacriabá, como afirma Ivo Schroeder (2010, p. 67).

Os Xerente, junto com os Xavante e Xakriabá, são classificados como Jê Centrais e se localizam no município de Tocantínia (TO), cerca de 70 km ao norte da capital, Palmas, entre os rios Tocantins e do Sono, nas terras indígenas Xerente e Funil, que somam 183.245,902 hectares. (SCHROEDER, 2010, p. 67).

Após tantas lutas pelos direitos e pela demarcação de suas terras, o povo Xerente conquistou a homologação e demarcação de seu território indígena pelo Governo Federal em dois momentos distintos conforme Melo e Gonçalves (2017, p. 195),

O primeiro ocorreu antes da divisão do estado de Goiás, em 1972, com a demarcação da Terra Indígena Xerente, com 167.542 hectares. O segundo ocorreu junto com a criação do Estado do Tocantins, em 1988, que foi a demarcação da Terra Indígena Funil, com 16.000 hectares. (MELO; GONÇALVES, 2017, p. 195).

Atualmente, os Akwê ocupam todo o território demarcado, mas preocupam-se com o fato de a área ser menor do que a originalmente ocupada pelos ancestrais, como relatam os anciãos, que recordam que os Xerente habitavam uma região muito maior. Esse território situa-se entre os municípios de Tocantínia, Aparecida do Rio Negro, Rio Sono, Pedro Afonso, além

de Miracema e Lajeado, próximos à área Xerente e região Funil. À medida que a população cresce, o território se torna cada vez mais insuficiente.

Além da redução territorial, outro fator preocupante é o impacto gerado pelo agronegócio, pelo uso de agrotóxicos e outros tipos de produtos químicos promovidos por proprietários rurais da região, afetando diretamente o Território Indígena Xerente e Funil, bem como sua biodiversidade.

Em 2023, o rio Gorgulho, que abastece aldeias indígenas, foi contaminado com fenol, uma substância proveniente de uma fazenda, cuja alta concentração, segundo o Instituto Natureza do Tocantins (Naturatins), resultou em uma mortandade de peixes. Esse evento não só prejudicou a vida aquática, mas também impactou o cotidiano das comunidades, que ficaram impossibilitadas de utilizar a água natural do rio.

É essencial que os órgãos competentes realizem a fiscalização necessária para impedir mais impactos, contaminação das plantas nativas, dos córregos, de seus peixes, e do solo, todos fundamentais para a comunidade indígena Akwê-Xerente.

Por essa razão, apesar de terem sofrido quase dizimação total historicamente, o povo Akwê-Xerente respira, valorizando sua cultura, língua materna, os saberes ancestrais e práticas culturais transmitidas aos jovens por meio de ensinamentos tradicionais.

Povo guerreiro, os Akwê-Xerente enfrentaram e resistiram aos desafios impostos pela colonização e pelo genocídio praticado por não indígenas, mantendo firmemente suas raízes evitando se apropriar somente da cultura do não indígena. Melo e Giraldivin (2012), em sua pesquisa relata que:

A despeito dos mais de 250 anos de contato com a sociedade não indígena, que foram marcados por momentos de retração e expansão de determinadas práticas culturais, bem como pela fusão de práticas tradicionais a outras advindas do contato, os xerentes chamam atenção, como observou Maybury-Lewys (1979), pelas estratégias de resistência que lhes permitiram permanecer com uma identidade cultural e linguística diferenciada. Eles conservam sua língua, a pintura corporal, o acervo de nomes, a divisão clânica da sociedade e muitos rituais, confirmando a conhecida configuração social, política e cosmológica observada em diferentes momentos por vários autores. (MELO E GIRALDIVIN, 2012, p. 181)

Embora os contatos tenham marcado o povo Xerente, é importante assinalar que hoje precisamos retomar a nossa história, que está adormecida, pois o estado do Tocantins vivencia um apagamento por completo da história de violência contra os povos indígenas e ninguém ‘sabe’, ou há um ‘esquecimento generalizado’, isto significa apagar anos de todas as formas de violência e com muitas mortes, pelas quais os indígenas passaram. Inúmeras décadas de lutas para ter ‘direito’ a um Território que já pertencia aos povos indígenas. Demarcar aquilo que já

pertence tradicionalmente ao povo indígena é vergonhoso e trazer à tona toda a discussão sobre ‘Marco Temporal’ chega a ser imoral. Mas, vivemos em um mundo capitalista e excludente. Ao menos, a garantia de escola dentro do Território permite reavivar e continuar a disseminar a nossa história e a nossa cultura, os nossos saberes tradicionais.

2.2 Educação Indígena: os saberes indígenas e os ensinamentos do povo Akwẽ-Xerente

O campo da educação indígena tem ganhado destaque e importância para os pesquisadores indígenas Akwẽ, nas discussões acadêmicas, especialmente devido ao seu papel crucial na manutenção da cultura, língua e identidade do povo Akwẽ-Xerente. A educação indígena vai além do ensino formal e precisa da consolidação das tradições, saberes e práticas culturais. Para Baniwa (2006, p. 129), “... a educação indígena refere-se aos processos próprios de transmissão e produção dos conhecimentos dos povos indígenas, enquanto a educação escolar indígena diz respeito aos processos de transmissão e produção dos conhecimentos não-indígenas e indígenas por meio da escola, que é uma instituição própria dos povos colonizadores”. O que a diferencia da Educação Escolar, especificamente, Educação Escolar Indígena, pois esta é o conhecimento trazido por meio da escola.

Esta pesquisa pretende partir do registro das narrativas Akwẽ-Xerente para trazer reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem e para dialogar sobre a preservação cultural no contexto escolar indígena, de forma a respeitar e integrar os valores culturais às necessidades da comunidade indígena Akwẽ, com foco na construção de um modelo educacional inclusivo, bilíngue, intercultural e específico.

Para o povo Akwẽ-Xerente, a educação se inicia durante a convivência com a família e comunidade, momentos em que as experiências diárias e os saberes transmitidos pelos pais, avós e tios são fundamentais. Esses conhecimentos, vastos em sabedoria, são passados de geração em geração por meio da oralidade, destacando a importância de valores como o respeito ao próximo, principalmente aos mais velhos anciãos. A palavra respeito, que permeia o cotidiano do povo Akwẽ, possui um significado profundo e é essencial para a pacificação da comunidade.

Conforme Kazamrĩ at all (2016, p. 223), “Os Akwẽ aprendem a respeitar os outros e a natureza desde muito cedo, quando ainda são crianças. Esses ensinamentos, bem como os ensinamentos sobre o modo de vida Akwẽ são transmitidos pelos nossos pais, avós, tios, e outros parentes”.

É fascinante a riqueza cultural do povo indígena, enquanto muitos confiam às escolas o papel de educar a sociedade e pais colocam seus filhos para adquirirem uma ‘boa educação’, até mesmo passando a responsabilidade do poder de educar somente para os professores. Os povos indígenas, ao contrário, já começam a praticar e cultivar uma educação respeitosa desde cedo, por meio da convivência com a comunidade e os familiares, tendo como mestres os anciãos. Conforme afirma Kazamrĩ *et al* (2016, p. 226), “Nós Indígenas aprendemos muitas coisas sobre a nossa cultura no ciclo da nossa família, pais, avós, avô, bem como ao redor do fogo pela manhã, contando as histórias, ensinando para as crianças saber respeitar o próximo e a lei da natureza”.

Para kazamrĩ *et al* (2016, p. 227), [...] “a criança Akwẽ não nasce sabendo. Elas começam a ver outros pintando, mas um dia a mãe ou o pai ou o tio começam a ensinar para as crianças Akwẽ, para elas testarem pintar o colega delas.” Dessa forma, o conhecimento sobre a organização cultural foi transmitido por várias gerações ao longo de décadas, por meio da observação e da vivência. Isto é o que observamos também em Baniwa (2006, pg. 130), quando o intelectual indígena coloca que

... os saberes ancestrais são transmitidos oralmente de geração em geração, permitindo a formação de músicos, pintores, artesões, ceramistas ou cesteiros, além de todos sabermos cultivar a terra e a arte de caçar e pescar. Os pais e os avós são os responsáveis por transmitir aos seus filhos ou netos, desde a mais tenra idade, a sabedoria aprendida de seus ancestrais. Assim, as crianças desde cedo vão aprendendo a assumir desafios e responsabilidades que lhes permitam inserir-se na vida social e o fazem, principalmente, por meio da observação, da experiência empírica e da autorreflexão proporcionadas por mitos, histórias, festas, cerimônias e rituais realizados para tal fim. Os bons exemplos dos pais, dos irmãos mais velhos e dos líderes comunitários são fundamentais para o desenvolvimento do caráter, das atitudes, dos comportamentos, das virtudes e das habilidades técnicas de uma pessoa, indispensáveis para a vida individual e a boa convivência social. Por esta razão, não há necessidade da figura e do papel do professor, na medida em que este seria interpretado como o resultado da incapacidade dos pais, dos adultos e da própria comunidade de cumprirem o seu papel social. (BANIWA, 2006, p. 130).

Nesse sentido, a citação nos mostra que os exemplos dos mais velhos são seguidos pelos mais jovens e que os ensinamentos são passados de geração a geração de forma oral. Atualmente, com a escola dentro do Território, é importante trazer estes conhecimentos para os mais jovens também ali.

Após tantas lutas, a Educação Escolar Indígena surge como uma modalidade específica de ensino para os povos indígenas, que busca respeitar e integrar as culturas e modos das vivências, línguas e valores das comunidades indígenas ao currículo escolar, diferente do modelo tradicional, cuja educação, valoriza e prioriza a preservação dos saberes ancestrais contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural dos povos indígenas, promovendo um

aprendizado que dialoga com as práticas culturais do local, a educação escolar traz o conhecimento da cultura hegemônica.

Isto não significa que os saberes indígenas não possam ou não devam ir para escola. Ao contrário, sinaliza a importância de documentar os conhecimentos tradicionais e levar este ensino também para as escolas indígenas.

Considerando a importância da cultura do povo Akwẽ, busca-se constantemente assegurar o direito a uma educação diferenciada e específica dentro das escolas indígenas. Embora a Constituição Federal de 1988 (CF/88) garanta esses direitos, a Educação Escolar tem sido implementada para os indígenas, e não com os indígenas, ou seja, não é uma educação pensada e estruturada por eles.

Conforme Souza Filho (2011, p. 192):

Ao longo dos séculos, houve tentativas de fixar uma educação escolar nas mais variadas aldeias indígenas brasileiras de que se tem notícia. O surpreendente (ou não) nessas tentativas de escolarização da população indígena é a vinculação dos projetos educacionais a dois modelos de educação: o modelo assimilacionista e o integracionista. (SOUZA FILHO, 2011, p. 192).

Essas tentativas da classe majoritária de padronizar costumes e culturas têm sido constantes, desconsiderando o modo de viver dos grupos minoritários, buscando que todos sigam os mesmos hábitos, crenças e doutrinas.

O modelo assimilacionista ou integracionista ainda circula nas escolas indígenas, impondo conteúdos distantes da realidade vivida pelo nosso povo, o que acaba desestimulando os alunos indígenas a se interessarem por sua própria cultura, origem e língua materna. Infelizmente, a escola tem sido utilizada pela classe dominante como um instrumento inicial para impor sua ideia de padronização cultural, por meio de um currículo hegemônico, que atende somente aos interesses dessa classe e do capitalismo.

Nesse viés, percebe-se que nas escolas indígenas materiais didáticos próprios de autoria indígenas estão ausentes nas 45 (quarenta e cinco) escolas das terras indígenas Xerente, o que obriga os professores a ensinarem conteúdo fora da realidade vivida por nosso povo Akwẽ. Estas escolas atendem às demandas da educação básica, nas etapas ensino fundamental e ensino médio e na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA, todas mantidas pelo Estado, via Secretaria de Estado da Educação – SEDUC/TO. Além de 27 (vinte e sete) núcleos de Educação Infantil – pré-escola que funcionam nos prédios das escolas estaduais, mas são ofertados pelo Município (Souza, 2024)

Materiais didáticos e paradidáticos próprios fortalecem a valorização da cultura e a sobrevivência dos saberes tradicionais Akwẽ, concomitantemente, a própria língua materna. No

entanto, é importante que esses materiais sejam produzidos para o manuseio dos professores e dos estudantes da educação básica; bem como pensado e produzido junto com professores Akwẽ e a comunidade.

Possuindo uma cultura rica e única, preservada e mantida viva ao longo do tempo por meio de ensinamentos orais, os Akwẽ querem uma educação escolar específica e diferenciada. Pois esses saberes, essenciais para a identidade do povo Akwẽ, não estão registrados em livros didáticos que poderiam servir como ferramentas de apoio para os professores indígenas nas escolas.

Apesar da importância de integrar os saberes tradicionais no ambiente escolar para o ensino dos jovens, nem todos os conhecimentos podem ser levados para a escola, pois alguns deles são considerados sagrados e são repassados conforme a escolha de quem os possui. Os pajés e os anciãos, por exemplo, compartilham seus conhecimentos apenas com pessoas de sua confiança. Por isso, é essencial que a construção de materiais que envolvam o conhecimento tradicional seja feita em colaboração com os anciãos e professores indígenas, garantindo que esse processo esteja bem articulado.

A cultura do povo Akwẽ deve ser valorizada, e as escolas precisam adotar essa perspectiva, integrando os valores culturais em suas práticas pedagógicas. Especialmente nas escolas indígenas, há uma necessidade urgente de materiais que reflitam sua realidade, para que as crianças indígenas Akwẽ e as futuras gerações possam conhecer e preservar sua origem, histórias e saberes tradicionais. Os materiais didáticos são essenciais e podem ser os principais aliados na preservação desses conhecimentos, assegurando que estejam registrados e acessíveis.

Na contemporaneidade, dispomos de diversas ferramentas que podem ser utilizadas para fortalecer a educação escolar indígena, como a tecnologia, que pode contribuir para a preservação da cultura e dos saberes tradicionais dentro do ambiente escolar.

Os conhecimentos milenares precisam estar registrados em livros didáticos bilíngues, a fim de apoiar as escolas indígenas e garantir que essa rica herança cultural seja acessada de forma acessível pelas futuras gerações.

Transmitidos de geração em geração por meio da oralidade, esses conhecimentos exigem que a escola estabeleça um diálogo e uma parceria com a comunidade, a fim de preservar a cultura e os saberes tradicionais dos Akwẽ-Xerente. As lutas pela conquista de uma educação escolar diferenciada e bilíngue foram árduas, pois, historicamente, a escola buscava 'civilizar' os indígenas e afastá-los de seus costumes para que adotassem outro modelo cultural.

Para os povos indígenas, a natureza é sagrada, e ela tem vida. Em geral, possuem uma forte conexão com a natureza, da qual dependem para sobreviver. Não é por acaso que

conhecem profundamente as plantas medicinais, o tempo certo para realizar os afazeres, os momentos ideais para plantar e colher, além das técnicas de construção de casas, corte de madeiras e palhas, e escolha dos materiais mais duráveis. Também há o momento certo para caçar e pescar. São muitos saberes que orientam a vida cotidiana e fortalecem a relação com o ambiente natural.

O conhecimento sobre plantas medicinais e raízes ajudou os Akwê-Xerente a se protegerem contra a COVID-19, que vitimou milhares de pessoas em 2020. Durante toda a pandemia, muitos povos indígenas se imunizavam com raízes e plantas medicinais enquanto a ciência buscava uma forma eficaz de imunização para a população em geral.

Os saberes, no entanto, são ignorados pela escola e pela ciência positivista como afirma Baniwa (2006, p. 134), [...] “na maioria dos casos a escola continua ignorando e sufocando as pedagogias indígenas e, quando isto acontece, a escola está contribuindo para o enfraquecimento ou o desaparecimento das culturas e dos próprios povos indígenas”.

Em suma, é fundamental que os saberes tradicionais integrem o ambiente escolar, possibilitando que a comunidade, junto com os alunos, tenha acesso a esses conhecimentos por meio de registros em livros didáticos e paradidáticos. A professora Krtidi Xerente (2017, p. 81), afirma que: [...] “os Saberes Indígenas na Escola garantem a sustentabilidade, a valorização cultural e a democratização da leitura oral no mundo indígena.” Krtidi Xerente (2017, p. 83) acrescenta ainda que:

O Saberes Indígena na Escola transforma e constrói uma educação de qualidade para os povos indígenas com uma concepção que venha ao encontro de nossa identidade, conhecimentos próprios e autonomia, garantindo a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem, nos termos da educação para todos. (KRTIDI XERENTE, 2017, p. 83).

Com a perda dos anciãos, verdadeiras bibliotecas vivas e detentores de vastos conhecimentos, os jovens se veem ainda mais preocupados e acreditam na escola como instrumento de conservação. Apesar dessas perdas, dedicam-se a registrar os saberes e a aprender mais sobre a cultura e a organização social. A preservação da língua materna torna-se uma responsabilidade de todos, pois é essencial para a manutenção da cultura. Para os indígenas Akwê-Xerente, o que fortalece sua identidade é justamente a preservação e o domínio da língua materna Akwê.

Entretanto, apesar dos grandes avanços tecnológicos e outras interferências, que despertam o interesse das novas gerações por outras culturas, acredita-se que a escola, como

instituição, pode colaborar para o fortalecimento da cultura indígena. Isso corrobora com o que Baniwa (2006, p. 169) pontua:

Os principais saberes indígenas estão ligados à percepção e à compreensão que eles têm da natureza, e se manifestam no trabalho, nos ritos, nas festas, na arte, na medicina, nas construções das casas, na comida, na bebida e até na língua, que tem sempre um significado cosmológico primordial. Apesar da alta consciência indígena e das leis mais favoráveis à proteção dos conhecimentos tradicionais, muitos saberes estão desaparecendo diante da pressão da cultura dominante e da globalização. Os povos indígenas não são passivos. A memória tradicional é sempre capaz de agregar informação nova. (BANIWA, 2006, p. 169).

Isso reforça o que colocamos anteriormente acerca da importância de os saberes indígenas fazerem parte do cotidiano da escola indígena.

3 NARRATIVA ORAL: HISTÓRIA “PONKWANÊ AKWÊRÊ NŌRĪ” E OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS

3.1 A pesquisa

A história “Ponkwanê Akwêrê Nōrĭ” denominada pelos não indígenas como “Santo”, é uma narrativa tradicional transmitida oralmente pelos mais velhos ao longo de gerações. No nosso contexto de pesquisa, ela é contada pelo Sr. Cacique Jonair Ainaksêkō Calixto Xerente, mas os principais narradores dessa história já não estão entre nós.

Partimos da transcrição de gravação realizada na língua Akwê e, posteriormente, fizemos a tradução para a língua portuguesa. Foi um momento complexo porque a transcrição não é algo fácil e simples. É trabalhoso e necessário escutar inúmeras vezes. Isto levou várias horas. Mas, foi um momento muito importante para a pesquisa.

A metodologia que seguimos parte da pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica e pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa. A gravação foi feita por meio de uma entrevista com o Cacique da aldeia “Sucupira Waknîrâhu”, após autorização expressa deste.

Figura 1 - Aldeia Sucupira Waknîrâhu



Fonte: arquivo pessoal da orientadora, 2023.

Figura 2 - Aldeia Sucupira Waknîrâhu



Fonte: arquivo pessoal da orientadora, 2023

Figura 3 – Cacique Jonair e o pesquisador



pesquisador

Fonte: Registro feito pelo Prof. Márcio, 2024.

Figura 4 – Orientadora, Cacique Jonair e



Fonte: Registro feito pelo Prof. Márcio, 2024

3.2 Diálogos sobre as narrativas e a história “Ponkwanê Akwê rê Nõrĩ”

É importante lembrar que as histórias indígenas sempre foram baseadas em experiências reais. Essas narrativas foram passadas de pais para filhos e de avós para netos, mantendo-se vivas por muitas gerações.

Essas histórias são parte essencial de nossa rica e diversa cultura, e é crucial preservá-las para que futuras gerações possam acessá-las por meio da escola. Para isso, é necessário fomentar a produção de uma literatura indígena própria, que valorize a oralidade e mantenha a essência de nossas histórias.

Com o impacto de outras culturas e do capitalismo, os pais e a escola têm um papel fundamental em fortalecer esses laços culturais. Atualmente, devido à sobrecarga de compromissos e ao tempo que as crianças passam na escola, muitos pais têm menos oportunidade de compartilhar essas histórias e ensinamentos tradicionais, por esses motivos, a escola ganha uma importância maior.

A história de “Ponkwanê Akwê rê Nõrĩ” nos oferece reflexões sobre a cultura e o modo como as crianças indígenas se divertiam no passado, como ao tomar banho no rio, sem a interferência de tecnologias ou outras influências externas.

Em um trecho da história, é retratada a vivência das crianças de forma que se evidencia a importância dessa relação com o meio ambiente e com a liberdade da infância.

zatô ku aimõ tô ptâbâ aikde kâmba tissõ, aikde tô ãsnâkrta hawi ssõi wêk, zatô aimõ kâmba tsihâzum wamhuire tô ptâbâ snã, are tõtahã aikte nõri ku bdã tê kmê rmê kôd, tô ptâbâ zaku kâmba tmãmõ, romzakrãre wahtuwa tô sa tê kahurdasi za ku tsinã.

As crianças Akwẽ sempre tiveram o costume de ir em grupo ao rio para se banharem e se divertirem, brincando de pega-pega e outras brincadeiras que inventavam. Esse hábito ainda é praticado por muitas crianças, sendo algo cotidiano. Para Namblá (2019, p. 312),

É por isso que o ato do banho de rio, para os Laklãnõ ou para qualquer povo indígena, significa um momento de diversão, de lazer, de socialização e principalmente de aprendizagem. Tudo isso acontece de forma conjunta e dinâmica, de maneira que uma criança aprende várias coisas ao mesmo tempo, o que lhe proporciona uma grande riqueza moral e social que levará consigo a vida toda. (NAMBLÁ, 2019, p. 312).

É exatamente nesse sentido que o povo Xerente também tem no rio e nos banhos e brincadeiras das crianças neste local algo tão importante porque também aprendem e muito sobre a maneira de ser e estar neste mundo, sobre a interação, a socialização, o lazer. Ainda sobre este aspecto, Tassinari (2007 apud Namblá, 2019, p. 312) afirma que nos banhos de rio se “identifica com a autonomia das crianças indígenas — traduz perfeitamente a realidade do sistema de ensino e aprendizagem entre os Laklãnõ. Esse aspecto é o fato da responsabilidade de ensinar não estar nos ombros dos adultos, mas na própria criança, que aprende vendo o que os adultos fazem, como aprende, por exemplo, o banho de rio ou a nadar”. Tal fato também ocorre entre o povo Xerente. A aprendizagem pela observação e pela escuta é importantíssima e a criança se torna mais autônoma nesse processo.

Outro trecho da história revela que as crianças tomavam banho e brincavam com dois seres muito pequenos que tinham vida, eram indígenas como relata a história:

Akwësi tetô ku aimõ tsihâzu, mãtô ku aimõ ponkwanẽ akwẽ rê tmã tsihëikre, mmêd ku, kãtô srurê krtabd ku dure. Tahãnã za ku aimõ kmã tsihâzu, za ku nmãhã aikde dam du sabba tmê, are dam mẽ, tô smõka snã zaku nësi tissamrõirêkw, are aikte wadi nõrĩ tô srêwi zaku sô tsi mãsa, tmê simãssi wi za ku nmãhã kã are ku dure dam du, tô tanê snã si za ku aimõ kmã tsihâzu, amõ za ku kmã tsi ssãmr.

De acordo com os Anciãos, antigamente muitas coisas eram vistas, como manifestações sobrenaturais, tanto do bem quanto do mal. Acredita-se que, atualmente, essas aparições não ocorram mais devido aos impactos causados pelo homem, como a circulação constante de automóveis, o trânsito aéreo e terrestre, o excesso de ruídos, destruição da natureza, entre outros fatores. Sobre isso, Baniwa (2006, p. 177) afirma que,

Os povos indígenas organizam seus saberes a partir da cosmologia ancestral que garante e sustenta a possibilidade de vida. A base primordial é a natureza/mundo. É a cosmologia que estabelece os princípios norteadores e os pressupostos básicos da organização social, política, econômica e religiosa. [...] Os conhecimentos indígenas são essencialmente subjetivos e empíricos, por isso mesmo livres de métodos e dogmas fechados e absolutos, e se garantem na efetividade prática e nos resultados

concretos que acontecem no seu cotidiano. Não importa como funciona, importa sua eficácia. (BANIWA, 2006, p. 177).

Outro trecho interessante da história é a contribuição dos dois pequenos seres para a comunidade e a natureza, além de seu constante contato com as crianças Akwê:

Tokto rom sikâr zawre kôre mâtô ku aimô tôtahã akwê rê nôri aikte nôrai mã tsi kuĩrĩ, tô aikte nôrai têsi zaku aimô sdakâ: - Waihkusnã aihêmba kbada, wat za aimô wanêmnĩ, kuzâ, tka tet mnĩ roko, tahã wat smrôĩ mnôda waza wanêmnĩ, are aptêkôre zatô trom sikâri, are azanã wat wrĩwa, tô azanã waza wasi mãssi nĩ. Kuzâ tê smrôĩ mnôda nã mâtô ku aimô tsi kuĩrĩkw aikte mã.

Conforme relatado na história, as duas criaturinhas eram importantes para os Akwê-Xerente, especialmente para as crianças indígenas, que as celebravam em festas e as adoravam. Além de serem especiais, essas criaturas também combatiam os impactos que a terra vinha sofrendo devido ao fogo.

Essas histórias são interessantes e devem ser escritas e registradas em livros para que alunos e professores possam acessá-las por meio da escola, pois muitas vezes são desconhecidas, especialmente pelas novas gerações que vivem em uma outra realidade. Essas histórias servem como uma reflexão sobre diversos contextos, principalmente quando a história revela que o não indígena (Padre) chegou à aldeia após tomar conhecimento das criaturas, levando-as com a promessa de trazê-las de volta.

Are sromã nôri tô isnâkrta hawi tro krtabd, mâtô ku aimô kmã nmĩ par, are sô tkmê wis, tkrê kmã Padre, tanôraimã tô ku santo. Tazi mâtô ku akwê nôrai mã tmã mrê: - âre, waza amô aw durkwa, are tahã ptânã waza wê aipã am sârkw. Mâtô ku ro pisut. Tahã tê dur kba wi mâtô ku aimô kahã snã bdã waire, mâtô ku trom sikâr azanã aipã dat smĩ zus knã

O trecho da história nos leva a entender que, de modo geral, o povo indígena sempre foi explorado para benefício dos não indígenas. O homem branco (não indígena), se aproveitou da fragilidade dos Akwê para obter vantagens.

Segundo a história, levaram os dois seres uma segunda vez e não os devolveram, criando réplicas de barro para entregar aos Akwê.

Mâtô ku aimô aipã sismĩtê krêpu, mâtô ku daw tissamrôirêkw akwê tmê. Are aipã simãssiwi tetô ku aimô akwê dure tmã tsĩm pês. Rom sikâr psê kôre mâtô ku dure sromã sô tkmê krê watob, are ku mrê: - âre, wat wê dure sô ãmôri, waza dure amô du, wazatô wê dure aim sârkw. Are ku dure du, tokto tahã tê durwi mâtô ku aimô srowaptkã pês, krê pus kôdi ku tokto, tô kahã snã tetô ku aimô bdã sô nômr, ro sô tsi waipriprik, krê watbro kôd ku. Tahã mâtô ku dure sromã tkmê krê watob, mâtô ku tokto ãprabã kmê kmãnã ze nã, mâtô ku mnĩ tmã du, are tmã smĩzus, tokto tanôri ku mmê kôd, kãmba ku aikte nôrai mē sikumtê kba kôd, tô wamhuire snã zaku tokto tsimêkrakw, res kôsnã, are ãkuitab nôri kãte ku aimô nãhê sisin.

Aqui no trecho, mais uma vez reforça a ideia de que o indígena foi enganado pelo não-indígena. Mas, a narrativa é instrumento importante, antes de tudo para observar o cotidiano da criança Akwê, que segundo Barroso (2016, p. 77),

... gostam de andar em grupos, o que guarda uma semelhança com outras etnias. As crianças maiores carregam as menores e partilham entre si conhecimentos, descobertas, medos, curiosidades, sentimentos, assim como demonstram suas reações, como o medo e a atração de olhar o conhecido e o desconhecido [...] as crianças Akwê observam tudo e estão em todos os lugares, escutam as histórias dos adultos, assim podem contar o que ouviram e viram para seus parentes; compartilhar as notícias com as crianças é a melhor maneira de saber tudo que acontece na aldeia. (BARROSO, 2016, p. 77).

Tal colocação, somente reforça o que colocamos nesta pesquisa, isto é, a importância de as narrativas serem documentadas e estarem nas escolas desde a Educação Infantil Indígena porque é importante elemento da cultura e auxilia na compreensão pela criança.

3.3 Narrativas tradicionais na escola indígena

A narrativa contada pelo ancião deixa claro o quanto é importante o registro dos saberes indígenas porque se não documentarmos muitas histórias vão embora junto com os mais velhos, quando estes morrerem. Fortalecer a presença dos contos nas escolas possibilita que os alunos compreendam a profunda relevância dessas narrativas para o povo Akwê-Xerente e os ensinamentos que eles trazem.

Os contos inserem múltiplos contextos, como a relação com o meio ambiente, as brincadeiras e diversões das crianças indígenas, as celebrações culturais e até as interferências do homem não indígena nas questões da comunidade. Além disso, essas histórias refletem as relações do povo Akwê com a natureza, ressaltando elementos naturais e ensinando valores essenciais sobre convivência e respeito ao mundo ao redor, como a própria história ensina.

Sabemos que a tradição indígena de contar história e de transmitir os seus saberes sempre foi oralmente, porém, ao documentar as narrativas e levar para a escola, especialmente, no contexto bilíngue em que vivem os Xerente, só irá contribuir para fortalecer as práticas socioculturais, além de reafirmar as identidades.

A narrativa relatada, além de outras inúmeras, são importante ferramentas de trabalho para o professor que trabalha em um contexto intercultural e bilíngue, pois pode contribuir muito para o processo de leitura e escrita, principalmente, o processo de alfabetização e letramento bilíngue. Além disso, de permitir discussões sobre a cultura, as tradições, o cotidiano das crianças e da comunidade.

Vivemos em um contexto de poucos ou quase nenhum material específico em língua materna ou bilíngue, o que impossibilita a formação de leitores e o desenvolvimento tanto da língua materna e da língua portuguesa, o que se tornará um problema ao longo do processo de escolarização. E, utilizar narrativas tradicionais no ensino incentiva as crianças e os jovens a lerem e a produzirem textos porque são histórias que já fazem parte de seu cotidiano.

A partir desta reflexão, compreendemos que a história transcrita deve ser transformada em livro e a partir daí, ser disseminada nas escolas do território. Por esta razão, é que iremos, após a apresentação da pesquisa, finalizar a diagramação e acrescentar pinturas, desenhos e ou grafismos representativos da narrativa para transformá-la em livro, após passar por revisão de professores akwê e levar para as escolas. Um livro bilíngue que consideramos que vai auxiliar os professores no ensino de línguas em um contexto de uso de língua materna e língua portuguesa. Ainda, segundo Souza (2024, p. 17)

Os livros (de 2018) não chegam até a escola para o quantitativo de estudantes e é ofertado o mesmo material que se utiliza nas escolas urbanas, somente um ou dois exemplares e em algumas escolas, faltando os livros didáticos de alguns componentes curriculares como, história, geografia. [...]

Os impasses e desafios existentes não aparece somente em termos de estrutura, mas também em termos sócio-histórico-político, com material didático que não sinaliza a contribuição para a manutenção das particularidades de um povo ou que nem chega até os estudantes, com formação continuada que foca apenas a burocracia do preenchimento do diário e do sistema de frequência, entre outros. (SOUZA, 2024, p. 17).

Sobre material didático, Ferreira e Morais Neto (2016 apud Souza, 2024, p. 17) informam que,

os livros didáticos utilizados nos anos iniciais do ensino fundamental nas Escolas indígenas Xerente em 2015 eram Girassol –saberes e fazeres do campo, ou seja, ‘educação do campo’ e não ‘educação escolar indígena’. E, ainda reforçam a questão da falta de estrutura, trazendo exemplo de escolas, como Escola Estadual Indígena Warõ, na Aldeia Cabeceira D’água Fria –Kâwahânî (Região Escolar Brejo Comprido) e a escola indígena Akezanê, na Aldeia Coqueiro –Nrôwdêzakrdi (Região Escolar Central), que tinham estruturas em palha e não ofertavam condições fundamentais para as aulas ocorrerem e outras que não tinham banheiro em suas dependências, também listadas pelos pesquisadores. (FERREIRA, MORAIS NETO, 2016, apud SOUZA, 2024, p. 17).

Além desta ainda ser uma realidade nas escolas indígenas mostra que há sim uma necessidade urgente de se pensar os materiais didáticos específicos para as escolas Akwê-Xerente. E, dizendo isto, estamos pontuando que a coleta de narrativas muito auxilia para a documentação e registro da cultura e para eleger aquilo que pode ser transformado em material didático.

Nolasco (2016) explica que na escola indígena Akwê a Língua portuguesa se sobrepõe à língua materna e isto é perceptível porque “enquanto a língua Akwê ocupava menos espaço no currículo escolar (nas matérias de arte e cultura e língua materna), situação que se visualizou também a inexistência de material didático de apoio”. Ainda sobre esta questão e o currículo, O autor (2016, p. 45) afirma que,

... os Akwê acreditam que a escola pode contribuir sim no processo de ensino e aprendizagem de sua cultura, mas, para isso, ela deveria incorporá-la em seus currículos de forma mais ampla e efetiva e assumir os princípios da diferenciação, especificidade e da interculturalidade. Atentos a essas questões, lideranças da Aldeia, alunos, e professores indígenas manifestam seus descontentamentos em relação à grande quantidade de conhecimento não indígena, e argumentaram que sua tradição precisa ter mais espaço no currículo. (NOLASCO, 2016, p. 45).

Interessante a conclusão que o autor chega com a pesquisa porque é isto que também percebemos continuamente nas escolas indígenas Akwê. Isto significa que é urgente a elaboração e produção de material em língua materna, que trate dos conhecimentos/Saberes Akwê-Xerente e a narrativa que trouxemos apenas reforça esta questão. Ela serve de subsídios para o trabalho em sala de aula, tanto da língua materna, quanto da cosmologia e da literatura indígena.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar como o registro das narrativas Akwê-Xerente contribui para o processo de ensino-aprendizagem e para a preservação cultural no contexto escolar indígena. O que percebemos nesta narrativa que parece banal para alguns, é uma história tradicional que permite perceber não apenas o significado da história em si, mas atividades realizadas cotidianamente pelas crianças indígenas. A história tradicional é uma relevante narrativa, que pode ser levada para a escola e a partir dela se trabalhar cosmologia, língua materna, hábitos das crianças Xerente, aspectos relacionados à cultura e à organização. Com esta narrativa o professor consegue trazer para a escola inúmeras atividades para serem realizadas com as crianças, mesmo as do ensino fundamental anos iniciais. Consideramos que a pesquisa conseguiu responder aos questionamentos e, nesse sentido, pensando na utilização da narrativa nas escolas, futuramente, a transformaremos em livro bilíngue, com grafismos (o que por ocasião da escrita do TCC não foi possível, por causa do tempo e do semestre atípico após uma greve nas Universidades Federais e reorganização de calendários).

Os objetivos foram alcançados, vez que pudemos transcrever a história proposta em língua materna a partir da narrativa contada por um ancião e, em seguida, traduzir para língua portuguesa. Consideramos extremamente importante documentar as narrativas dos anciãos, que são nossas bibliotecas vivas. Quando eles se vão, a história do povo se vai com eles. E a escola é importante mecanismo para auxiliar na disseminação dessas narrativas e dos saberes presentes nelas.

A narrativa transcrita possibilita conhecer um pouco dos saberes indígenas, especialmente, o cotidiano das crianças e contribui para o processo de ensino-aprendizagem e para a preservação cultural do povo Akwê-Xerente.

Ao longo da pesquisa, percebeu-se que esses conhecimentos, especialmente as histórias, precisam ser registrados com urgência, pois os anciãos principais narradores dessas tradições estão partindo. Esse fato gera uma preocupação quanto ao risco de, no futuro, recorrer a registros de outras culturas ou criar conteúdo que não representem fielmente a tradição Akwê.

Esses resultados são significativos, pois evidenciam que a cultura Akwê permanece viva, mas necessita ser continuamente fortalecida para evitar futuros impactos negativos. A comunidade poderá se beneficiar dessas iniciativas, acessando informações fundamentais sobre suas histórias e saberes indígenas.

É importante ressaltar que, apesar das contribuições, esta pesquisa enfrentou algumas limitações, como a dificuldade de entrevistar um maior número de anciãos para aprofundar as

informações sobre a rica cultura do povo Akwẽ. Alguns dos anciãos estão distantes da localidade, e a falta de condições adequadas de locomoção dificultou nosso deslocamento até eles, o que impactou na coleta de dados.

Para futuras pesquisas, sugere-se entrevistar o maior número possível de anciãos, pois cada um possui um vasto conhecimento, com memórias ricas em informações culturais. Essas iniciativas são fundamentais para aprofundar o conhecimento sobre os saberes indígenas e contribuir com a comunidade e as escolas, que necessitam desses registros para fortalecer sua identidade e enriquecer o processo educacional.

Esta pesquisa permitiu aprofundar meu conhecimento sobre as histórias do nosso povo e aproveitar as ferramentas disponíveis para registrar os saberes e conhecimentos tradicionais indígenas. No passado, a falta de acesso a essas ferramentas e a ausência de pesquisadores indígenas letrados fez com que alguns desses conhecimentos se perdessem, em parte também pela interferência da cultura ocidental, que muitas vezes tentou padronizar as culturas.

Espero que este trabalho incentive mais pesquisadores indígenas e professores a registrar os ensinamentos transmitidos pelos anciãos, valorizando-os e preservando-os para a construção de um conhecimento de mundo único, baseado em nossa própria perspectiva cultural.

Em suma, este estudo oferece uma contribuição valiosa para pesquisadores e para a comunidade estudantil indígena Akwẽ, tanto da educação básica quanto superior, promovendo uma compreensão mais rica e contextualizada sobre os saberes indígenas Akwẽ. Espera-se que ele inspire novas pesquisas e práticas que fortaleçam a cultura milenar do povo Akwẽ, assegurando sua preservação e valorização.

REFERÊNCIAS

- BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. O índio brasileiro: **o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECADI/UNESCO, 2006. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000154565> Acesso em: 21/11/2023 às 22h
- BARROSO, Lidia Soraya Liberato. As pequenas pedadas na história dos senhores do mundo: as crianças Akwẽ. IN: MACHADO, Márcia. **Culturas e História dos povos indígenas: Formação, direitos e o conhecimento antropológico**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.
- BRASIL. Constituição Federal. Brasília: Assembleia Legislativa, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- SCHROEDER, Ivo. **Os Xerente: estrutura, história e política**. São Paulo: (2010).
- KAZAMRĨ, Celso; WAĨKAZATE, Sinval; KRTIDI XERENTE, Carmelita et all. **Saberes indígenas na escola**. Goiânia: UFG, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/racs/article/download/48999/24019/204098> Acesso em: 26/10/2024 às 22h30
- JORNAL G1. Tocantins é o segundo estado do Brasil com maior percentual de indígenas vivendo dentro de terras indígenas. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2023/08/07/tocantins-e-o-segundo-estado-do-brasil-com-maior-percentual-de-indigenas-vivendo-dentro-de-terras-indigenas.ghtml> Acesso em: 30/10/2024 às 14h48
- KRTIDI XERENTE, Carmelita. Saberes Indígenas na Escola. Goiânia: UFG, v. 1, n. 1. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/racs/article/view/48999/24019> Acesso em: 26/10/2024 às 22h30
- MELO, Valéria M. C. de; GIRALDIN, Odair. Os Akwẽ-Xerente e a busca pela domesticação da escola. **Tellus**, ano 12, n. 22, p. 177-199, jan./jun. 2012. Campo Grande, MS.
- NAMBLÁ, Marcondes. O banho de rio, a Barragem Norte e as transformações nos processos de produção do corpo entre as crianças Laklãnõ. **Revista de @ntropologia da UFSCar**, 11 (1), jan./jun. 2019
- NOLASCO, Genilson. Rowahtuze sinã: para entender o Ktãwanõ. IN: MACHADO, Márcia; MORAIS NETO, Odilon Rodrigues de. **Educação Escolar e Ciências Humanas: culturas e história dos povos indígenas**. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2016.
- SOUSA FILHO, Sinval Martins de. Educação Akwén-Xerente (Jê): Seus saberes e práticas frente aos modelos brasileiros de escolarização. Itabaiana: **GEPIADDE**, Ano 5, Volume 10 | jul-dez de 2011.

SOUZA, Luciane Silva de. Escolas indígenas do Território Akwẽ-xerente, em Tocantínia, Tocantins. **Revista Taka'a**, Barra do Bugres (MT), v.2, Jan/Dez, e2024001, ISSN: 2965-6796, 2024

ANEXO I

“PONKWANĒ AKWĒRĒ NŌRĪ”

Por Jonair Ainaksêkô Calixto Xerente

APRESENTAÇÃO

Kãhã romwasku mătô aimô wawê nŏrĭ tkrê wasku, Krattudi, Kasuwamrĭ, Sdupudi kătô Krukwanê. Tokto ĭwasku kwa tŏ Jonair Ainaksêkô Calixto Xerente.

INTRODUÇÃO

Ahâmre zatô ku aimô ro khêm̃ba, tahã zatô aimô ĭptokrda nŏrĭ tkrê wasku, sihdu nŏraimã, kra waptem mã, kra mã, kătô krsĭm psê mnŏwa. Are ahâmre tŏ mmê snã si za aimô wahĭkba nŏrĭ romwasku sĭmã tkrê wasku, ro krĭ hêm̃ba mnŏ. Ahâm zawre ku ro hêm̃bad, zatô ku aimô ro ksi hêikre akwê mã, tanêhã za aimô ĭdumkrta nŏrĭ tkrê wasku. Are kãhã hêsuka kũikre tŏ wawê nŏrai smĭ wasku zatô wasku, ahâmre hã ĭhêm̃ba, are tokto wazatô kũikre snã, aimô wasku, nŏkwa tê sanãmr wa tê waihku pibumã, kătô aimô dure nŏkwa tkrê wasku mnŏ pibumã sĭm akwê mã.

Akwerê nŏrai nãhã rom wasku, sromã nŏri tkrê kmã Santo.

Tahã mătô te aimô sromã nŏrĭ tka tê waw smrĭ psê mnŏ kŏre, akwê amŏ krnŏm, nmãzi tŏ rompanã zaku wahud.

Twa mătô ku aimô akwê dazakrui sĭ Peixe wa krnŏm, sromã nŏrĭ tŏ tanê mătô te sisi, Peixe nã, are akwê zakru waihku kŏd nhanê ĭsisi, nhanê kãte, ĭptokrda nŏrĭ tê wasku kŏd, nhanê kãte aire.

Tahã akwê krĭ nmrŏ zep wa, zatô ku aimô tŏ ptãbã aikde kãmba tissŏ, aikde tŏ ĭsnãkrta hawi ssŏi wêk, zatô aimô kãmba tsihãzum wamhuire tŏ ptãbã snã, are tŏtahã aikte nŏrĭ ku bdã tê kmê rmê kŏd, tŏ ptãbã zaku kãmba tmãmŏ, romzakrãre wahtuwa tŏ sa tê kahur dasi za ku tsinã, are dure aipã tmãmŏ, tŏ tanêsnãsi ku. Tokto tanêwa mătô ku aimô ĭptokrda tkmê mrêm: - Āre mãrip tŏkũhã? Tŏ ptãbã za wahudu.

Tokto tanêwa mătô ku aimô ĭdumkda tkmê mŏr tê waihku mnŏ pibumã, mãr wa tŏtahã nêsi ptãbã ssŏ, are tŏ aitemã snã tetŏ ku tê sabu, simêkursnã. Akwêsi tetŏ ku aimô tsihãzu, matŏ ku aimô ponkwane akwê rê tmã tsihêikre, mmêd ku, kătô srurê krtabd ku dure.

Tahãnã za ku aimô kmã tsihãzu, za ku nmãhã aikde dam du sabba tmê, are dam mê, tŏ smŏka snã zaku nêsi tissamrŏirêk, are aikte wadi nŏri tŏ srêwi zaku sŏ tsi mãsa, tmê simãssi wi, za ku nmãhã kã are ku dure dam du, tŏ tanê snã si za ku aimô kmã tsihãzu, amŏ za ku kmã tsi ssãmr. Tahã ro tê kmãdkã, măt ku ĭdumkrda aipã mŏ are wasku ĭptokrda nŏrai mã, are ku sĭmã

tê waihuk simã tê krui snã, tê dur kba pibumã kritmê, tazi mâtô ku durkw, are ku kri aimôwi tmã sabuk, kripra tê nwa smîzus kba pibumã wdê nsî.

Tahã tokto tê dur kbawi, mâtô ku aimô akwê tmã tsîm pês, tmã nôkkaka aimôwi, akwê tô sîmpsê si ku ahâmre hawi, toité zaku aimô tsîmpês mârî krâi watbro wa. Tôtahã akwê rê nôri tô kripra zaku aimô dakorêkw, are awê wi za ku nêsi kâmba daw tinê, aikde kmã sihâzum pibumã, are îdumkta nôri zatô ku nêsi twi du, mâtô ku aimô tokto tres rmêk.

Tokto rom sikâr zawre kôre mâtô ku aimô tôtahã akwê rê nôri aikte nôrai mã tsi kuîrî, tô aikte nôrai têsi zaku aimô sdakâ: - Waihkusnã aihêmbe kbada, wat za aimô wanêmni, kuzâ, tka tet mnî roko, tahã wat smrôî mnôda waza wanêmni, are aptêkôre zatô trom sikâri, are azanã wat wrîwa, tô azanã waza wasi mãssi nî. Kuzâ tê smrôî mnôda nã mâtô ku aimô tsi kuîrîkw aikte mã.

Tazi mâtô ku tôtanôri srowaptkâk, are îptokrda nôri mâtô ku sô nîmrâm, waihku kôd ku nmômô nê m nã, aikte nôrai têsi ku waihku, are mâtô ku aikte nôri wasku kuzâ tê smrôî mnôda nê m nã. Mrêpranê bdâ kâte ku sô nîkrit, ro sô nô m krnê m re.

Aikte nôri tô ptâbâ zaku nêsi sô rî îsako zep ku, simãssi zô, mrêpranê bdâ môr wi mâtô ku tsimãssirê, are aikte mnô mâtô ku dure tê sô sabu, tetô ku aimô dakokw, tokto tô aimôwi ku ihêmbarê, pikô ku sai kred, are ambâ ku sahi skuprid, mrôre ku tôtanôri, kunmã wakro mâtô ku aimô tê sahi kupri, sahim psê krtabd ku aire, are zatô ku nêsi aikte nôri sdakbâkw. Tôtazi zaku akwê tmã tsi krêkôt, are tmã nôkkaka, tmã sawid ku akwê nôri.

Are sromã nôri tô isnâkrta hawi tro krtabd, mâtô ku aimô kmã nmî par, are sô tkmê wis, tkrê kmã Padre, tanôraimã tô ku santo. Tazi mâtô ku akwê nôraimã tmã mrê: - âre, waza amô aw durkwa, are tahã ptânã waza wê aipâ am sârkw. Mâtô ku ro pissut. Tahã tê dur kba wi mâtô ku aimô kahâ snã bdâ waire, mâtô ku trom sikâr azanã aipâ dat smîzus knã.

Smîsi wa môr wi, mâtô ku aimô aipâ sismîtê krêpu, mâtô ku daw tissamrôirêk akwê tmê. Are aipâ simãssiwi tetô ku aimô akwê dure tmã tsîm pês. Ponkwanê wa nê m wi mâtô ku dure sromã sô tkmê krê watob, are ku mrê: - âre, wat wê dure sô îmôri, waza dure amô du, wazatô wê dure aim sârkwa. Are ku dure du, tokto tahã tê durwi mâtô ku aimô srowaptkâ pês, krê pus kôdi ku tokto, tô kahâsnã tetô ku aimô bdâ sô nômr, ro sô tsi waipriprik, krê watbro kôd ku.

Tahã mâtô ku dure sromã tkmê krê watob, mâtô ku tokto îprabâ kmê kmânã ze tdê nã, mâtô ku mnî tmã du, are tmã smîzus, tokto tanôri ku mmê kôd, kâmba ku aikte nôrai mê sikumtê kba kôd, tô wamhuire snã zaku tokto tsimêkrakw res kôsnã, are îkuitab nôri kâte ku aimô nhanê sisin.

Tokto sromã nõrĩ akwẽ mnĩ tẽ bbate mnõpra, aimõ krsi kwape mnõwa mâtõ ku aimõ mnĩ sĩmpe, are tõtahã aire akwẽ zakrui wa zatõ te aimõ tokto sromã krnõm, are ãsisi tõ ku São Josẽ do Duro, tõtazi mâtõ te aimõ sromã nõrĩ ksi krekõt tokto.

Are akwẽ ku smaksẽ sikutõr kõd, zatõ ku nẽsi sõ tissakẽ sõ wahtu pibumã. Are mâtõ ku sõ wahud, tõtahã akwẽ rẽ nõrai sõ, sromã tkrẽ kmã Santo, tõtahã ãkmãdkã kwa tõ ku sromã si wawẽ, tmã sawi krtabd ku. Are akwẽ nõrĩ ku tẽ daw dur da aipã, wawẽ ku waikud akwẽ tõtã nõrai ddẽkwai nã, are zatõ ku aimõ daw sawi, nẽsi stokrã adu pibumã, akwẽ nõrĩ tõ ponkwanẽ wahu mâtõ ku ãkta krnõm, tsi kburõ. Tokto azanã kõhare mâtõ ku tokto akwẽ nõrĩ ãsenã snã rommãdã simã hi, are ku tokto daw du aipã, sittẽ bã. Are wawẽ, aire ãkmãdkã kwa mâtõ ku tokto ãsaku dãr pkẽze tẽ, tmã sawi krtabd ku aire.

Tahã mâtõ ku tokto akwẽ daw du, are ku kãwiss ktẽkakã ku, Senhora Santana kãtõ São Josẽ ku santo nõrai sisize, tahã zaku aimõ akwẽ tkrẽ sa, wahum pã, julho nã, tokto tazi tõ sromã nõrĩ zaku tmã nõkkaka, aimõ tmã tsihãzu, are akwẽ sim rom kmãdkã wamnẽ kõd ku dure tokto, tõ sromã nĩm romkmãdkã wa za ku aimõ tmã nĩpẽss.

Twa, kãnesnã tõtahã akwẽrẽ nõrai nãhã romwasku, ãptokrda nõrĩ tkrẽ wasku mnõze, kra mã, sihdũ, kra waptẽm nõraimã, sĩm nõkrẽmzu, ahãm zawre ku aimõ ro si hẽikred, tanẽhã za aimõ mrmẽ snã simã tẽ wasku, kuĩkre mnõ kwaikã arknẽ saktẽ akwẽ nĩm romwasku mãrd, aimõ dure wanõrĩ wat kwasku mnõ pibumã aikte nõraimã. Wanĩm romkmãdã prẽdi kãtõ wẽki, are wat rmẽ mnõwa psẽkõd, twa kãnesnã waza kãhã romwasku kmã wazẽ, ãptokrda nõrĩ tkrẽ wasku mnõze.

ANEXO II

NARRATIVA - VERSÃO PARA LÍNGUA PORTUGUESA

HISTÓRIA SOBRE OS DOIS PEQUENOS INDÍGENAS, DENOMINADO PELO BRANCO DE “SANTO”

Essa é uma história contada pelos mais velhos que foram repassando na oralidade. Hoje é contada pelo Sr. Cacique Jonair Ainaksêkõ Calixto Xerente. Os principais contadores dessa história já não vivem mais. É importante frisar que as histórias indígenas sempre foram de fatos, nossos antepassados sempre repassaram para seus filhos, netos, e isso foram repassados em geração a gerações. As histórias fazem parte da nossa cultura, de fato temos uma cultura rica, e nós precisamos mantê-la viva para que as futuras gerações tenham contato com as histórias através de livros. Para isso acontecer é necessário criar nossa própria literatura, e que ela tenha uma forte ligação com a oralidade.

Antigamente, segundo os anciãos aconteciam muitas coisas que eram vistos por eles ou pelos seus antepassados, e isso se transformam em histórias que depois vão repassando dentro da oralidade para seus filhos, netos, sobrinhos ou em festas culturais. No entanto, as histórias são repassadas em geração a gerações fazendo com que continuam vivas dentro da cultura indígena Akwê.

Antes do Território Xerente ser demarcado, o povo Xerente não tinha um lugar específico, o estado do Tocantins foi um estado que o povo Xerente fez o seu trajeto, as vezes viajavam até para fora do estado. Com o homem branco ocupando cada vez mais o território Indígena e o cerco se fechando para os Akwê, eles foram fugindo evitando conflito, pois o homem branco tinha vantagem e mais poderoso diante dos nativos.

Diante disso, segundo a história, o povo Xerente conviveu na cidade de Peixe-TO. Os anciãos não revelam qual seria o nome da aldeia em que o povo Xerente conviveu, mas segundo os relatos contados por eles mostram que o município seria lá.

Os mais velhos contam que na aldeia onde o povo Xerente conviveu, haviam crianças Indígenas que tomavam banho todo santo dia, as crianças Indígenas desde sempre costumam tomar banho no rio, brincando de pega-pega, se divertindo com outras crianças, é uma diversão milenar, que sempre existiu. As crianças, segundo a história, não deixavam um dia sem banhar, quando iam de manhã só apareciam para almoçar, e retornavam para o rio chegando só à tarde para a aldeia. Todo dia era assim, os mais velhos como sempre perceberam rapidamente o que

estava acontecendo, até que um ancião diz: - O que está acontecendo? Todo dia eles vão para o rio tomar banho.

Com isso, um adulto foi verificar o que as crianças tanto faziam no rio, o adulto então foi de mansinho, se escondendo para não ser visto. Ali estavam as crianças brincando com dois seres indígenas tão pequenos. Segundo os relatos, esses dois pequenos seres falavam, e era com eles que as crianças se divertiam todo dia no rio.

Todas as crianças que estavam ali revezavam para brincarem com essas criaturas, uma criança pegava-o e jogava na correnteza enquanto outras crianças esperavam para pegá-lo, todo os dias era assim.

Visto esse cenário o adulto voltou para a aldeia para contar ao mais velhos, anciãos, assim discutiram sobre os dois indígenas tão pequenos e tomaram decisão de ir buscar os dois e levar para a aldeia. Construíram uma casa e um girau para que elas se acomodassem.

Quando finalmente levaram os dois pequenos seres indígenas, tendo seu próprio lugar, os akwê-xerente cantavam e festejavam para os dois pequenos indígenas. A festa cultural também é milenar, o povo Xerente sempre festejou quando há uma coisa boa dentro da sua comunidade. Os dois pequenos indígenas ficavam dentro da casa e quando amanhecia iam para o rio brincar com as crianças Akwê, mas os adultos sempre iam buscar para levá-los de volta para a aldeia. Até que aquietaram e já não iam mais para o rio.

Certo dia, os dois pequenos indígenas disseram a crianças: - vamos ter que ir, a terra está em chamas, vamos ir combatê-la! Os dois seres só conversavam com as crianças e não com os adultos. Eles disseram às crianças que iam apagar o fogo que vinha queimando o cerrado. Até que desapareceram, os mais velhos não sabiam que eles não estavam dentro da casa, somente as crianças sabiam que eles estavam desaparecidos por três dias. As crianças indígenas Akwê iam todo dia averiguar se eles haviam chegado ou não, até que um dia finalmente já estavam de volta.

Lá estavam os dois, pendurados no seu lugar. Quando as crianças perceberam, os dois já aparentavam não ser os mesmos, eram diferentes, pois o homem estava com o cabelo crespo e a mulher com o cabelo quase cacheado. Isso, era o que a temperatura do fogo tinha causado, os dois segundo a história, teriam cabelos lisos. Mesmo assim, continuavam a conversar com as crianças. Os Akwê-xerente, ali se reuniam para festejar para eles, gostavam e adoravam os dois pequenos seres.

O homem branco desde sempre esperto e ganancioso, souberam desse acontecimento. Então ali chegou um padre, para ele aquelas duas crianças eras santidades. O padre então disse aos Akwê: - vou levar os dois e tal dia irei trazer de volta.

O padre disse aos Akwẽ que iria devolver os dois pequenos indígenas, mas quando levou demorou dias para devolver e não devolveu. Certo dia, os dois pequenos indígenas apareceram, eles haviam fugido de volta para a aldeia. Quando as crianças chegaram os Akwẽ Xerente festejaram o retorno deles com muita alegria.

Pouco tempo depois o padre apareceu novamente e disse:- Eu vim buscá-los novamente, eu vou levar e trago depois. O padre então levou de novo, e quando levou, os dois já não apareceram mais, passaram dias, horas, anos, e nunca retornaram O padre tinha levado de vez, se apropriando daquilo que era importante para os Akwẽ.

Certo tempo depois chegou o Padre novamente. Ele já havia confeccionado uma imagem semelhante aos dois pequenos Indígenas. Eram de barro e agora eles já não falavam mais com as crianças Akwẽ, e nem iam para o rio. Ficavam no mesmo lugar sem se mexer, era apenas uma réplica morta das crianças vivas, pois certamente os dois verídicos devem ter sido batizados recebendo um nome dos homens brancos.

Quando o homem branco veio cada vez mais avançando e massacrando os povos indígenas e ocupando seu território, o povo Xerente veio fugindo deixando a terra onde viviam para os brancos. Ali onde seria a aldeia dos Akwẽ no passado, hoje estaria ocupado pelos brancos, denominada de São José do Duro, onde fazem festas e festejos anualmente celebrando dia de santo.

Apesar desse cenário em que o povo Xerente vivia, jamais esqueceram dos dois pequenos indígenas, os Akwẽ já queriam buscar para trazê-los de volta. Certo dia, o povo Xerente decidiu ir atrás dos dois, denominado pelos brancos de “Santo”. Segundo a história, quem cuidava dos dois pequenos indígenas seria um velho, idoso, ele sabia que o dono dos dois era o povo Xerente. Quando eles queriam levar as crianças, o velho sempre enrolava os Akwẽ, para terem calma, que certo ponto iria levar, com isso, os Akwẽ ficaram quase dois anos perto dos dois pequenos indígenas. Mas certo dia, depois de muita enrolação decidiram levar os dois e levaram de volta para a aldeia, já o velho acabou não resistindo a saudade e morreu segundo a história.

Enfim, os Akwẽ chegaram com os dois Santo até o Rio Sono, ktekakâ, o nome dos dois já eram Senhora Santana e São José, provavelmente nome recebido pelos brancos. Todo julho os Akwẽ festejavam para os santos junto com os brancos, ali ofereciam comida, faziam festa e adoravam. Com o acesso entre não indígenas e indígenas aumentando, a festa dos indígenas para os dois já não eram mais dentro da cultura, tudo era dentro da cultura não indígena, cada tempo que passa vinha acontecendo impacto dentro da cultura Indígena, o homem branco estimula para que os Akwẽ mudem seu jeito de festejar.